

BRAGA (São Jerónimo de Real)

O cenotáfio encontra-se hoje exposto no Núcleo Museológico da igreja de São Martinho de Dume (São Jerónimo de Real, Braga). Para o visitar dirija-se a Braga através da autoestrada A3 e, depois, pela A11. Aqui tome a saída para o Estádio Municipal, obra do arquiteto Eduardo Souto Moura. Na rotunda junto do Estádio tome a segunda saída, para a rua da Feira e a chamada "Variante de Real". Seguindo por esta via, tome, na terceira rotunda, a primeira saída à sua mão direita. Estará a entrar na EN 205-4. Na primeira rotunda siga pela mão direita e, na rotunda seguinte, utilize a terceira saída. Entrará na rua de São Martinho de Dume. Percorra esta via durante uns 600 m, até encontrar o muro do cemitério, virando à esquerda e seguindo até alcançar, uns escassos metros à frente, o adro da igreja de Dume. O Núcleo Museológico localiza-se aqui. No Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, expõe-se uma réplica do monumento, realizada à escala 1:1.

Cenotáfio de São Martinho de Dume

O MONUMENTO que nos ocupa é um cenotáfio, criado para receber, em deposição secundária, os restos mortais de Martinho de Dume, bispo de Braga e de Dume, conhecido como o "Evangelizador dos Suevos", falecido em 579. O prelado recebeu sepultura na igreja do mosteiro de Dume, que fundara e que consagrara ao seu homónimo São Martinho de Tours. Atendendo ao prestígio do seu fundador, o mosteiro de Dume foi elevado, em 556, a bispado embora, do ponto de vista territorial, abrangesse apenas o seu espaço monástico. Nos finais do século XI ou inícios da centúria seguinte, o seu túmulo foi substituído por este cenotáfio, em calcário, tendo-se perdido o rasto do monumento original.

O cenotáfio de São Martinho de Dume teve um itinerário relativamente atribulado, que importa caracterizar. Durante mais de quatro séculos permaneceu na igreja de Dume, segundo alguns relatos antigos depositado na capela-mor do templo, soerguido por quatro colunelos. Ao longo da idade média o monumento conseguiu, aparentemente, cativar um número significativo de crentes, transformando Dume num pequeno pólo de peregrinação. O crescente sucesso deste centro de peregrinação, localizado às portas de Braga, suscitou a atenção dos prelados bracarenses. Nos meados do século XVI teve início o processo de transferência das relíquias de São Martinho para a sé de Braga. A ideia terá partido do Arcebispo D. Manuel de Sousa (1545-1549), que começou por ocultar o túmulo no altar-mor do templo, por forma a diminuir o fluxo

de peregrinos e evitar a reação popular. Alguns anos mais tarde, em 1591, o Arcebispo Fr. Agostinho de Jesus (1588-1609), senhor de Castro, desmontou o altar e então, nas palavras de D. Rodrigo da Cunha, apareceu *hu sepulchro de pedra como de Estremòs, & pera a pouca arte q então avia na escultura, de obra mais q ordinária, porq tinha na frõtaleira os doze Apostolos abertos ao cizel; no alto, & meo da mesma frõtaleira a Sãtissima Trindade, em cada canto hu dos geroglíficos, q se costumão pintar cõ os Evangelistas, Anjo, Aguia, Leão e Touro*. D. Rodrigo da Cunha registou ainda que *Foi grãde o alvoroço dos presentes, & muito mayor o do Arcebispo: chamarãose os homens velhos da freguezia, & outros da cidade, reconhecerão o sepulchro, testificarão ser o q estivera primeiro sobre as colunas na capella mor, respeitado por todo o povo como de são Martinho*. E concluía afirmando que o túmulo fora *cõ particular devação, & piedade venerado dos sereníssimos reis Dom Ioão o II e Dom Manoel & ultimamente do Infãte Dõ Luis, quãdo passarão em romaria a Santiago da Galliza*. As informações de D. Rodrigo da Cunha foram retomadas pelo Pe. Enrique Florez, na sua *España Sagrada*. Ainda de acordo com o testemunho de D. Rodrigo da Cunha, Fr. Agostinho de Jesus procedeu à transladação das relíquias de São Martinho para o vizinho mosteiro de São Frutuoso de Montélios. Deve ter sido nesta altura, com a abertura do moimento, que se infligiram os maus tratos de que a tampa se ressentiu e que foram corrigidos por restauro conduzido por Adília Moutinho Alarcão. A transladação definitiva dos seus restos mortais, para a sé de Braga, ocorreu quinze anos mais tarde, a 22 de outubro de 1606, tendo as relíquias sido



*Núcleo Museológico
de São Martinho
de Dume. Cripta
Arqueológica*

recolhidas na capela de Santa Marta. Isto significa que a partir de 1591 o cenotáfio de Dume permaneceu vazio. O monumento conservou-se na igreja de Dume até 1919 (ou, segundo alguns autores, 1921), altura em que Alberto Feio o fez deslocar para a cidade de Braga, dando entrada nas coleções do recém-fundado Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa. Mas, como este museu durante muitas décadas não teve instalações físicas, o monumento dumense permaneceu anos longe do olhar do público. O interesse da freguesia de Dume em assegurar o seu regresso ao local de origem, que se começou a desenhar pouco depois de 1919, ganhou novos contornos e nova dinâmica com as escavações arqueológicas, conduzidas a partir de 1987 por Luís Fontes. Ao fim de complexas negociações, o monumento original regressou a Dume em 2006, passando a ser a peça central do seu Núcleo Museológico. O Museu D. Diogo de Sousa abriu portas, finalmente, em 2007, mas o que hoje ali se expõe é uma réplica em polietileno.

O cenotáfio de São Martinho de Dume é um sarcófago trabalhado em Pedra de Ançã, um calcário brando da zona de Coimbra (e não, como D. Rodrigo da Cunha sugeria, em mármore de Estremoz). Trata-se, em todo o caso, de um tipo de rocha que não existe na zona de Braga, cidade que se implanta em plena mancha granítica. Por isso, a matéria prima para a sua execução teve de ser importada da região de Coimbra, uns 150 km a sul, o que espelha o empenho e esforço colocado na criação deste

novo monumento. Ao contrário do granito, o calcário de Ançã-Portunhos presta-se bem aos labores escultóricos.

A arca apresenta uma cavidade antropomórfica, com cabeça definida por amplo arco ultrapassado, ombros timidamente destacados e remate arredondado na zona dos pés. Mede 2,05 m de comprimento e 0,67 a 0,57 m de largura (respetivamente na cabeça e nos pés). De altura apresenta 0,39 m. A tampa excede-o em alguns centímetros, medindo 2,12 m de comprimento e 0,71 a 0,63 m de largura, e possuindo uma altura de 0,095 m.

O monumento destinava-se a estar encostado à parede sul da capela-mor e, por isso, o seu lateral direito apresenta-se decorado, ao invés de todos os outros, que são lisos. Nele podemos ver, ao centro, trabalhada em tímido relevo, uma estrutura arquitetónica com cinco arcos. No vão central, o mais amplo e mais alto, foi representada a figura de um prelado, atrás de um altar, com os braços erigidos, como se estivesse a officiar. O retrato, frontal, permite adivinhar que se trata de uma figura nimbada. Todos os autores aceitam a identificação deste personagem com Martinho de Dume. O altar, maciço, representado na forma de um retângulo, apresenta o frontal decorado com motivo reticulado. Para além deste arco central, a estrutura arquitetónica apresenta mais dois arcos de cada lado, mais estreitos, nos quais se podem adivinhar os capitéis. Os seus vãos apresentam-se, no entanto, vazios. O telhado opta, à maneira clássica, por cobertura com *tegula* e *imbrex*.



Núcleo Museológico
de São Martinho
de Dume. Cripta
Arqueológica

Assistindo ao ofício litúrgico de Martinho encontramos uma assembleia de dezoito monges, nove de cada lado: quatro em primeiro plano, em baixo, cinco em segundo plano, em cima, todos com a mesma escala, escapando, assim à regra da perspetiva, ignorada nestes tempos. Os monges foram representados em retrato frontal, envergando vestes idênticas, eventualmente casulas. As dezoito figuras são estereotipadas. A cena representada neste lateral desenvolve-se num campo retangular delimitado por moldura de toro e escócia, de sabor clássico.

O arcaz era encerrado por uma tampa decorada com um relevo que, pela sua orientação, confirma a implantação do monumento adossado à parede sul da capela-mor, já acima mencionada. O relevo da tampa, de traço mais seguro e mais erudito, foi, eventualmente, executado por um artista distinto do que criou o lateral da arca sepulcral. Ou, se saiu das mãos do mesmo artista que lavrou a arca, teve por base um desenho distinto e substancialmente mais erudito. Ao centro, no interior de um clipeo ou medalhão circular delimitado por uma coroa de louros, representou-se uma figura nimbada em majestade, em pé, soerguida sobre um supedâneo e com as mãos cruzadas sobre o corpo. A quase totalidade dos autores identificou esta figura nimbada e estante com Cristo. Mas, recentemente, Xavier Dectot sugeriu que fosse Martinho a ser levado para o Céu por dois anjos. A cena seria, portanto, uma *elevatio animae*. No entanto, as figuras laterais, que adiante descreveremos, parecem dar mais

crédito à tese, quase consensual, da representação de Cristo em majestade. O campo central completa-se com nuvens que, na expressão de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, foram tratadas à maneira de reposteiro, obliquamente, para contornar os problemas suscitados pela exiguidade de espaço do campo circular. Na metade inferior, a superfície que quedava livre foi preenchida por duas estrelas e quatro motivos florais inscritos em círculos, distribuídos de forma equilibrada, mas não rigorosamente simétrica. A moldura circular é sustentada por duas figuras de anjos, iconografados em posição fortemente inclinada, de pés apoiados em terra, dotados de amplas asas de belo efeito estético. Os dois anjos seguram a coroa circular com as duas mãos, como se a exibissem. Completa esta cena a representação do *Tetramorfo* – a iconografia dos quatro Evangelistas de acordo com o *Livro do Apocalipse segundo São João* (Ap. 4, 6-7): na metade do lado esquerdo e na periferia, uma figura alada, soerguida em supedâneo, com corpo humano e cabeça de Anjo (representando São Mateus); mais próxima do centro, junto do anjo e do clipeo, uma figura humana alada com cabeça de Leão (São Marcos); na metade do lado direito, junto do anjo e do medalhão central, uma figura humana alada com cabeça de Touro (São Lucas); e, na extremidade do lado direito, uma figura humana alada com cabeça de Águia (São João) –. Os quatro Evangelistas seguram o Livro Sagrado entre as mãos, representado na forma de um retângulo delimitado por moldura ou orla, e apoiam os seus



Cenotáfio de São Martinho de Dume. Vista da tampa e do lateral ornamentado (Museu de D. Diogo de Sousa. Foto de Carlos Monteiro, Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica)



Cenotáfio de São Martinho de Dume. Vista do lateral ornamentado (Museu de D. Diogo de Sousa. Foto de Carlos Monteiro, Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica)

pés sobre um pódio ou supedâneo retangular, o que os coloca num plano superior ao nível terreno. As asas dos quatro Evangelistas, que arrancam das suas costas, começam por se elevar acima das suas cabeças para descenderem, depois, paralelas ao corpo. E, tal como as asas dos dois anjos, apresentam a metade superior com um tratamento gráfico distinto do da parte inferior. Os quatro Evangelistas envergavam vestes longas, que descem até aos pés, quase tocando o supedâneo, com as capas a abrirem-se com rasgo oblíquo e arqueado muito característico.

O monumento que acabamos de descrever recolheu opiniões muito divergentes junto dos principais investigadores que o estudaram. Poderíamos sintetizar agrupando-as em dois conjuntos: o dos investigadores que aceitaram que a obra fosse sensivelmente contemporânea de São Martinho de Dume e os que avançaram com uma cronologia mais tardia, em torno dos séculos X, XI ou até XII. No

primeiro grupo alinharam-se nomes como os de João de Moura Coutinho, Georges Gaillard, Fernando de Almeida ou, numa primeira fase, Pedro de Palol. No segundo grupo encontramos nomes como Alberto Feio, Manuel Monteiro, Reinaldo dos Santos e, mais recentemente, Helmut Schlunk, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Mário Barroca, John Williams, Manuel Castiñeiras González, Etelvina Fernández González e Francisco Moreno Martin.

A cronologia mais recuada foi avançada por Fernando de Almeida que, em 1962, certamente por equívoco, apesar de defender que o arcaz de Dume seria o túmulo de São Martinho (falecido, como vimos, em 579), atribuiu o moimento aos princípios do século VI. Os paralelos convocados – o sarcófago paleocristão de Itácio, da sé de Oviedo, e o sarcófago paleocristão da sé de Braga – estavam, no entanto, em consonância com a sua proposta cronológica. O arquiteto João de Moura Coutinho de Almeida



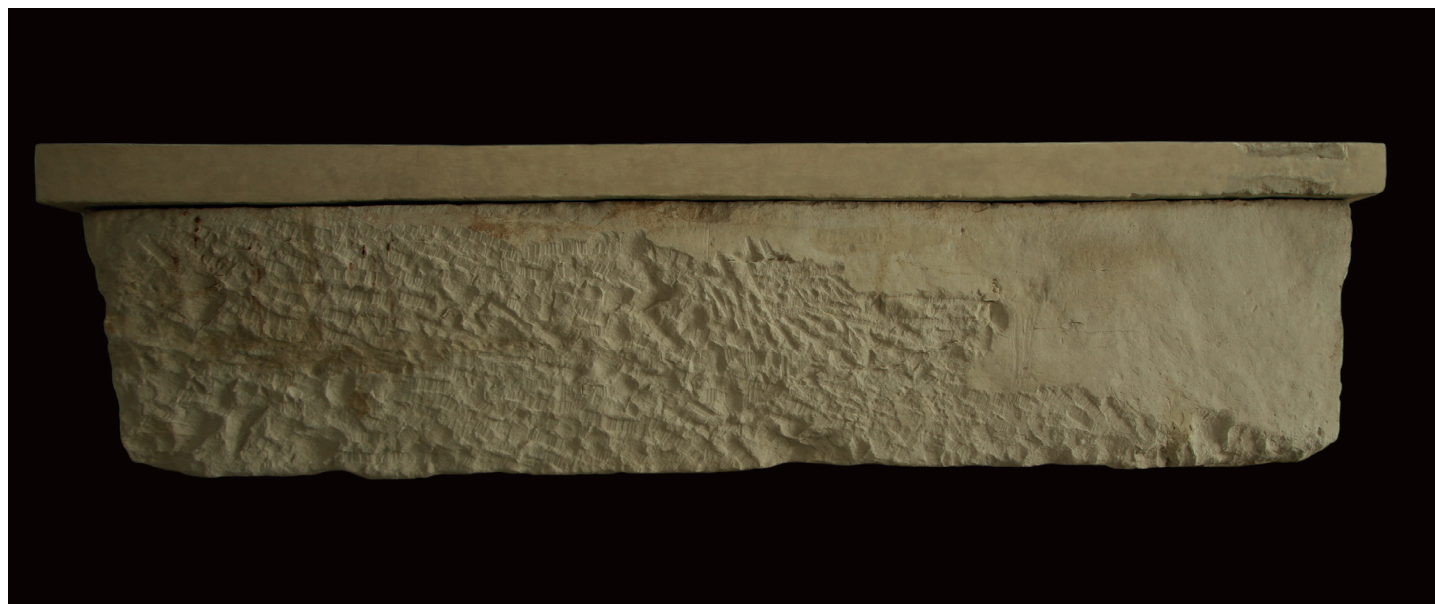
Cenotáfio de São Martinho de Dume. Desenho do lateral do sarcófago (Museu D. Diogo de Sousa, Braga - Desenho de Amélia Fernandes e Fátima Ferreira)

d'Eça (que esteve envolvido no restauro de São Frutuoso de Montélios) defendeu uma cronologia visigótica para esta peça, considerando-a sensivelmente coeva da morte de Martinho. O estudo mais erudito que, antes de Schlunk, se publicou sobre este monumento ficou a dever-se a Georges Gaillard, que entendia que se tratava de duas peças com nítidas influências bizantinas, saídas das mãos de dois artistas distintos, correspondentes a dois momentos também diferentes. Na sua perspetiva, embora as duas peças fossem sensivelmente contemporâneas da época de São Martinho de Dume, a tampa seria dos finais do século VI, enquanto a arca seria *nitidamente posterior*. A representação do Tetramorfo, que lhe chamou particular atenção, revelaria, na sua opinião, um estreito contacto com o mundo bizantino, quer fosse por intermédio de miniaturas iluminadas, quer por intermédio de marfins. Fernando de Almeida, tentando aprofundar esta linha de pensamento, invocava que o sarcófago de Dume seria o representante de uma linhagem de contactos estéticos com o Mediterrâneo oriental, tendo os motivos iconográficos viajado do oriente, passado pelo norte de África, para chegar à Península Ibérica. Aqui teriam influenciado uns (desaparecidos) manuscritos visigóticos iluminados, onde o(s) escultor(es) do sarcófago de Dume se teriam inspirado e onde, mais tarde, os ilustradores das cópias dos *Beatus* se teriam igualmente influenciado. Como esses manuscritos visigóticos se perderam na voragem do tempo, o monumento de Dume seria o testemunho, indireto, da sua existência.

A "tese moçarabista" encontrou como principais arautos Alberto Feio (que o atribuiu ao século IX) e Manuel Monteiro, que o arrolou entre os testemunhos da arte pré-românica em Portugal (fixando-o no século X). Pedro de Palol, que, como vimos, começara por incluir este monumento dentro dos materiais paleocristãos peninsulares, acabaria por aceitar, um ano mais tarde, a possibilidade de se tratar de uma obra posterior, admitindo *si no se trata de un ejemplar del siglo X*.

Em 1968, Helmut Schlunk publicou o estudo decisivo sobre esta peça, sublinhando o estreito paralelismo entre o desenho dos relevos de Dume (nomeadamente da sua tampa) e algumas iluminuras dos *Beatus* peninsulares, em especial o *Beatus de Burgo de Osma*, manuscrito datado de 1086. Schlunk chamaria a atenção para a influência de certos pormenores deste manuscrito, nomeadamente para o anjo a tocar trombeta do fl. 149v, que ilustra a Multidão a Adorar o Senhor (Ap., 19, 1-10). Na sua proposta, o cenotáfio de Dume teria sido criado nas últimas décadas do século XI, no ambiente propiciado pela restauração da diocese de Braga. Os seus argumentos foram aceites por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que sublinhava que o monumento de Dume "*é mais um testemunho a garantir-nos a predominância do moçarabismo da região de Braga ainda nos fins do século XI*". Este autor sublinhou, ainda, o facto de as duas peças – tampa e arca – terem sido executadas na mesma pedra e encaixarem na perfeição, argumentos para a sua atribuição a um mesmo momento e artista. Na sua perspetiva, as diferenças detetadas entre os relevos da tampa e do lateral do sarcófago resultariam, antes, da utilização de dois "cartões" distintos – o da tampa, mais erudito; o da arca, de menor qualidade –. Se Helmut Schlunk ligou o cenotáfio de Dume ao último quartel do século XI, Carlos Alberto Ferreira de Almeida associou-o à restauração da diocese de Braga (em 1071) e ao florescimento da escultura do primeiro Românico em território hoje português, com ligações a Moissac, Toulouse e Compostela. Na esteira de Schlunk, os autores que, ultimamente, se debruçaram sobre este monumento têm sido unânimes em o enquadrar nos finais do século XI, associando-o ao episcopado de D. Pedro (1071-1091), ou nos inícios do século XII, enquadrando-o no governo de São Geraldo (1097/99-1108).

Com efeito, são vários os pormenores do cenotáfio de São Martinho de Dume que refletem a estreita ligação entre este monumento e a estética dos *Beatus* e, muito particularmente, com cópias realizadas na segunda metade



Cenotáfio de São Martinho de Dume. Vista do lateral posterior



Cenotáfio de São Martinho de Dume. Tampa (Museu de D. Diogo de Sousa.
Foto de José Pessoa, Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica)

do século XI ou nos inícios do século XII. Entre os vários pormenores poderíamos convocar a frontalidade dos retratos do lateral da arca e a maneira como se desenharam as faces dos monges; as sequências de bustos em duplo plano desencontrado; a forma circular adotada pela coroa de louros na tampa; os anjos que a erguem e mostram ao mundo a cena da *Maiestas Domini*; as figuras de Cristo e dos Evangelistas soerguidas em pódios ou supedâneos; e a maneira como se representaram as quatro figuras do *Tetramorfo*, com corpos humanos, dotados de asas e com cabeças zoomórficas, na simbólica anunciada pelo *Apocalipse segundo São João* (Ap. 4, 6-7, retomando a visão veterotestamentária dos *Quatro Viventes* - Ez. 10, 14). Schlunk sublinhou os

paralelos entre os tímidos relevos de Dume e as ilustrações do *Beatus* de Burgo de Osma, executado em 1086 no mosteiro beneditino de Sahagún. Pela nossa parte gostaríamos de chamar a atenção para o estreito paralelismo que se verifica entre alguns pormenores do monumento dumiense e as ilustrações do *Beatus* de São Domingos de Silos, uma cópia um pouco mais tardia, atribuída a 1091-1109, que se conserva na *British Library* (Add Ms 11695). Atente-se, por exemplo, na forma como se iconografaram os dois anjos que seguram a *mandorla* com Cristo em glória em vários fólios do manuscrito, com os seus corpos inclinados (no fl. 86v, no fl. 108 ou no fl. 205), como se representaram as assembleias com as figuras em dois ou mais planos, fugindo



Cenotáfio de São Martinho de Dume. Desenho da tampa (Museu D. Diogo de Sousa, Braga - desenho de Amélia Fernandes e Fátima Ferreira)

à regra da perspetiva (fl. 112v-113), ou na maneira como as asas dos anjos foram tratadas, nalgumas dessas imagens ou nas pequenas iniciais do manuscrito, que nos parecem muito elucidativas (fl. 52v, fl. 54v, fl. 63v e fl. 77). Neste aspeto, julgamos que assume particular importância a ilustração do fl. 131v, um anjo cujas asas, saindo das costas, se elevam acima da cabeça para depois, tal como as esculpidas em Dume, caírem paralelas ao corpo. Esta representação beneficia, ainda, de outro pormenor concordante: o facto do anjo estar soerguido em supedâneo. As ilustrações do *Beatus* de São Domingos de Silos, executado por volta de 1091-1109, assumem-se, assim, como um precioso paralelo para sedimentar as propostas de datação mais tardias.

Mas há outros paralelos que poderiam ser convocados, como é o caso dos capitéis-impostas do arco triunfal da igreja de Santa Maria de Quintanilla de las Viñas (Burgos), com as representações do Sol e da Lua enquadradas dentro de clipeos circulares que são sustentados por figuras de anjos com forte inclinação. No bordo superior da imposta do Sol, uma inscrição assegura que estas representações correspondem à reforma do templo de Quintanilla de las Viñas feita a expensas de *Fammola*, irmã da condessa D. Múnia, o que coloca a sua criação nos princípios do século x. Outras duas peças de tipologia semelhante, que infelizmente quedam avulsas e descontextualizadas, apresentam uma figura masculina e outra feminina acolitadas por anjos representados em posição semelhante. Poderiam, ainda, ser invocados paralelos das produções eborárias hispânicas, nomeadamente a Arca das Relíquias de San Millan de la Cogolla, criada *circa* 1067 para receber as relíquias daquele santo que falecera em 574. Um percurso, portanto,

com vários pontos de contacto com o cenotáfio de Dume: San Millan falecido em 574, São Martinho cinco anos depois; a Arca das Relíquias encomendada *circa* 1067, o Cenotáfio algumas décadas mais tarde. No caso da Arca das Relíquias, é particularmente interessante observar a figura do anjo da placa que relata a *Enfermidade* e a *Deposição* de San Millan no túmulo. Fora do âmbito peninsular, há vários monumentos importantes para uma comparação estilística. Registemos apenas a placa da *Santificação de Santo Estêvão*, obra do século xi, que se encontra embutida na parede norte da Abadia de Fleury (Saint Benoît-sur-Loire, França). Nela vemos dois anjos, de joelho em terra, erguendo e exibindo um clipeo ou medalhão circular com a figura estante de Santo Estêvão. As similitudes com Dume são evidentes.

Caracterizado o momento cronológico da sua execução, importa, finalmente, compreender o contexto histórico em que o cenotáfio de São Martinho foi criado. Como se sabe, o mosteiro de Dume foi fundado por Martinho e elevado à condição de bispado por volta de 556. O mosteiro, tal como a região bracarense, sofreu as consequências da invasão muçulmana de 711, que deve ter atingido estas paragens pouco depois de 715. Ainda no século viii (*circa* 734), os prelados bracarenses procuraram refúgio em terras mais setentrionais e passaram a residir em Lugo. A presúria galaico-asturiana de *Portucale*, em 868, conduzida pelo conde Vímara Peres, reconduziu o espaço a norte do Douro à esfera de influência da monarquia asturiana. Governava, então, Afonso III, o Magno. A região de Braga terá sido reenquadrada no espaço cristão por volta de 873. A primeira delimitação da diocese de Dume foi em 10 de fevereiro de 877, no tempo de Afonso III. O termo de Braga seria demarcado nos inícios do século x, provavelmente



Cenotáfio de São
Martinho de Dume.
Tampa. Pormenor

por volta de 905-910. Pouco depois, a 28 de setembro de 911, numa *congregatio magna*, Ordonho II mandava delimitar de novo o termo da diocese de Dume que, como já foi referido, se circunscrevia apenas ao espaço físico do cenóbio. O restauro da diocese de Braga – isto é, o momento a partir do qual os seus bispos voltaram de novo a residir na cidade – ocorreria apenas em 1071, com o início do múnus do bispo D. Pedro (1071-1091). No momento em que o prelado bracarense começa a reestruturar a sua diocese, a situação dos dois principais mosteiros às portas de Braga era bem diversa. O mosteiro de São Frutuoso de Montélios, que fora presuriado pelo presbítero Cristóvão, tinha sido doado por este religioso à diocese de Iria Flávia (cuja sede seria transferida, em 1095, para Santiago de Compostela). A posse de Montélios por Iria Flávia seria confirmada por Afonso III das Astúrias, em 17 de agosto de 883. Poucos anos volvidos, por volta de 911, o seu templo seria objeto de uma profunda e radical reconstrução, na mesma altura em que o orago se mudava de São Salvador para São Frutuoso, honrando o prelado que instituíra o cenóbio. Por seu turno, o mosteiro de Dume, a uns escassos 2 km de distância, implantado sobre a mesma via que, saindo de Braga, dava acesso ao norte e à Galiza, continuava a pertencer à diocese bracarense. É neste contexto, de restauro e reorganização da diocese de Braga (empreendido pelo

bispo D. Pedro, a partir de 1071) e da dupla rivalidade entre Montélios/Dume e entre Iria Flávia/Braga, que se deve enquadrar a criação do cenotáfio de São Martinho de Dume. Neste sentido, vários autores, como Carlos Alberto Ferreira de Almeida, Mário Barroca ou Manuel Castiñeiras, sugeriram que a criação do Cenotáfio de São Martinho de Dume fosse enquadrada entre o restauro da diocese (1071) e a sua destituição, na sequência do apoio ao anti-papa Clemente III (1091). Mas julgamos que há elementos históricos que, corroborando os paralelos iconográficos já convocados, como os do *Beatus* de Silos, podem fazer adiantar um pouco esta data. Aos olhos dos prelados bracarenses – fosse D. Pedro (1071-1091), fosse São Geraldo (1097/99-1108) – a criação do cenotáfio de Dume inscreveu-se certamente num programa de promoção e dinamização daquele cenóbio enquanto centro de peregrinação capaz de dar uma resposta bracarense ao crescente sucesso que São Frutuoso de Montélios, então na dependência de Iria Flávia, estava a alcançar. Um sucesso que encontrou, em 1102, o seu paroxismo: o *Pio Latrocínio*, perpetrado pelo bispo Diego Gelmirez, quando se deslocou a Montélios e a Braga para recolher as relíquias mais prestigiadas e as levar para Compostela. Segundo o relato de D. Hugo, na *Historia Compostellana*, as relíquias levadas das igrejas de São Frutuoso e de São Vítor foram as dos Santos Frutuoso,

Silvestre, Cucufate e Susana. A inclusão de Montélios entre os templos visitados por Gelmirez só pode ser entendida como um reflexo do prestígio e sucesso crescente que estava a ter como centro de peregrinação regional. Mas, como bem sublinhou Francisco Moreno Martín, a ausência de referências a Dume no rol dos templos que mereceram a atenção de Gelmirez e nas relíquias retiradas para Compostela, pode ser significativa. Podemos interpretá-la como um sinal de que o templo de São Martinho de Dume não teria despertado uma atenção particular a Diego Gelmirez? Ou seja, que o culto a São Martinho ainda não se revestia de particular dinamismo? Ou refletirá ela, apenas, a circunstância de o seu templo não estar dependente de Compostela? Logo depois do *Pio Latrocínio*, São Geraldo conseguiu que o papa Pascoal II determinasse que o bispo de Mondoñedo restituísse o mosteiro de Dume à diocese de Braga. E, neste contexto, a criação do cenotáfio de São Martinho ganha uma outra coerência: com as relíquias de São Frutuoso, São Silvestre, São Cucufate e Santa Susana retiradas por Diego Gelmirez para Compostela e com a restituição do mosteiro de Dume à diocese de Braga, a promoção de um cenotáfio – ou de um *relicário* – para os restos mortais de São Martinho ganha uma nova dimensão. Avelino de Jesus da Costa não tinha dúvidas em atribuir a São Geraldo a iniciativa da criação do cenotáfio e a trasladação dos restos mortais de São Martinho. E isso explicaria os pontos de contacto que autores como Carlos Alberto Ferreira de Almeida ou, mais recentemente, Francisco Moreno Martín, detetaram entre os relevos de Dume e a escultura de Moissac, nomeadamente as figuras dos Apóstolos dos pilares angulares do claustro da abadia de São Pedro de Moissac, criado durante o governo do abade Ansquitil (1085-1108), que São Geraldo por certo conheceu bem. Com efeito, o prelado bracarense fora monge nessa abadia beneditina francesa. A atribuição do monumento de Dume ao episcopado e à iniciativa de São Geraldo ganha, assim, substância – quer do ponto de vista estético, quer do ponto de vista histórico. Acrescentemos um último dado: apesar de Martinho já ser tratado como santo no X Concílio de Toledo (656) e de a mudança de orago do templo de Dume ter ocorrido pouco antes de 911, a difusão do seu culto na diocese de Braga parece ter sido um acontecimento do século XII, quando passa a figurar nos calendários bracarenses (como no do *Missal de Mateus*, anterior a 1176), onde a sua festa, ontem como hoje, se comemorava nas *XIII kalendas aprilis* (20 de março).

Talvez nunca se venha a saber, com uma certeza absoluta, a quem se ficou a dever a encomenda do cenotáfio de São Martinho de Dume. Mas a excelência da obra encomendada e os custos envolvidos – que se espelha,

inclusive, na importação de Pedra de Ançã-Portunhos, para a sua execução – revela-nos o empenho decisivo que foi colocado nesta encomenda. Certamente que, na região bracarense, para além do prelado, mais ninguém teria o ensejo, a motivação e os meios económicos para o fazer. O cenotáfio de São Martinho de Dume revela-se, assim, um monumento de importância crucial para a compreensão do processo de reestruturação da diocese de Braga que se sucedeu ao seu restauro, em 1071, e que foi estudado e valorizado por Avelino de Jesus da Costa e, sobretudo, mais recentemente, por Luís Carlos Amaral.

Texto: MJB - Fotos: JNG/DGPC-ADF

Bibliografia

- ALARCÃO, A.M., 1978; ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, p. 136; ALMEIDA, C.A.F., 1986a, pp. 160-162; ALMEIDA, F., 1962, pp. 228-229; ÁLVAREZ DA SILVA, N., 2015, pp. 302-303 e 403-405; AMARAL, L.C., 2007, pp. 308 e 357-416; AMARAL, L.C., 2011, pp. 157-192; AMEISENOWA, Z., 1949; BARROCA, M.J., 1987, pp. 190-196 e 205; BARROCA, M.J., 1991a, n.º 10, pp. 114-115; BARROCA, M.J., 2010, pp. 430-440; CASTIÑEIRAS GONZÁLEZ, M.A., 2012, pp. 358-361; COSTA, A.J., 1950; COSTA, A.J., 1959; COSTA, A.J., 1997-2000, I, pp. 494-495, e II, p. 100; CUNHA, R., 1634-1635, P. I, pp. 325-327; DECTOT, X., 2006, p. 24; EÇA, J.M.C.A., 1958; FEIO, A., 1954, pp. 26-27; FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, E., 2007, pp. 5-36; FLOREZ, E., 1759, pp. 111-133; FONTES, L.F.O., in CRISTO FONTE DE ESPERANÇA, s.v. "Sarcófago, dito de São Martinho de Dume", 2000, p. 210; FONTES, L., 2006; FONTES, L., 2008, pp. 163-181; GAILLARD, G., 1956, pp. 67-73; GONZÁLEZ HERNANDO, I., 2011, pp. 61-73; LACERDA, A., 1942-53, I, pp. 114-115; LECLERCQ-MARX, J., 2016, pp. 113-128; LFIDEI, doc. n.º 3 (de 1103, abril, 1); MONTEIRO, M., 1980, p. 415; MORENO MARTÍN, F., 2016, pp. 179-210; MORIN DE PABLOS, J. e BARROSO, R., 2000, pp. 297-299; PALOL, P., 1966, p. 40; PALOL, P., 1967, p. 327; SANTOS, R., s/d, I, pp. 245-246; SCHLUNK, H., 1968, pp. 424-458; SILVA Y VERÁSTEGUI, S., 2009, pp. 93-129; WILLIAMS, J.W., 1993, n.º 67, pp. 138-140.

